

Uma cultura democrática em oposição aos valores do poder

No subdesenvolvimento, a educação transforma-se em instrumento de manipulação política

ELCIO ABDALLA e
ORFEU BERTOLAMI
Especial para o Estado

O subdesenvolvimento tem suas raízes na herança histórica de cada sociedade, mas se perpetua por razões estruturais. Em geral as lideranças em sociedades com este tipo de problema são incapazes de julgar corretamente, dentro de cada cenário, as mudanças necessárias para propulsionar o desenvolvimento e progresso social, preferindo agir segundo seus interesses e reflexos ideológicos mais imediatos. Muitas vezes tal se passa mesmo quando uma parte substancial da elite intelectual e política tem consciência da necessidade de mudança. Contudo, com frequência, a força dos interesses econômicos de uma minoria impede que as reformas necessárias a um progresso social harmônico e duradouro sejam realizadas.

Tal conjuntura implica naturalmente grandes injustiças sociais, mas também estagnação intelectual e econômica. Esta estagnação dá origem a relações de dependência, e estas últimas desenvolvem-

se a tal ponto que a solução de muitos dos problemas estruturais dos países em vias de desenvolvimento só podem ser alcançadas quando as sociedades mais avançadas passarem elas mesmas por um profundo processo de mudança e renovação.

Do ponto de vista dos grandes grupos econômicos internacionais, os países em desenvolvimento são fontes de riquezas naturais onde os ventos da Revolução Francesa ainda não sopraram e onde as instabilidades sociais e políticas não têm repercussões internacionais. Esta conveniente compartimentalização é ideal para o aparecimento de "barões" regionais, frequentemente refratários a mudanças de qualquer natureza, e defensores de práticas neocolonialistas e capitalistas selvagens, muito embora estas se apresentem, algumas vezes, como neoliberalismo.

Naturalmente, como estes movimentos são incapazes de resolver as desigualdades e impedir a decadência social mostram-se inadequados para resolver os ainda mais agudos problemas dos países em desenvolvimento. É neste difícil contexto social de injustiças e corrupções de valores que se pretende que a ciência se desenvolva e seja não apenas um critério de verdade, mas também uma fonte de soluções para os problemas concretos das sociedades.

Espera-se sobretudo que estas soluções sejam independentes das necessidades econômicas imediatas das classes dominantes e de sua escala de valores e que estas criem as condições para um desenvolvimento integrado da sociedade. Em tal cenário de subdesenvolvimento e baixo índice de alfabetização, a educação transforma-se automaticamente em instrumento de poder, perdendo o seu valor intrínseco e humanizador, pois refere-se exclusivamente à escala das necessidades típicas das classes dominantes.

Tal situação é particularmente aguda, tendo-se em vista que são destas mesmas classes que se origina a maioria daqueles que têm acesso à educação nos países em vias de desenvolvimento. A saída deste ciclo nocivo que perpetua o subdesenvolvimento e impede as reformas de base necessárias para atingir um estágio onde o desenvolvimento seja auto-sustentável e assim justificável social e economicamente exige, em nossa opinião, um esforço concertado da sociedade e uma intervenção firme do Estado como provedor de educação. Essa atividade do Estado deve ser a origem mesmo de uma cidadania moderna, substituindo o método surgido da Revolução Francesa, onde que se forja através do serviço militar obrigatório. O final deste século tem sido rico em lições neste capítulo. Parece-nos completamente incontroverso afirmar que nenhum Estado pode controlar importantes setores da vida econômica e social de um país sem prejudicar a longo termo o seu desenvolvimento. Por outro lado, o Estado deve estar necessariamente presente para salvaguardar não somente uma justa repartição da riqueza e garantir bem-estar social — especialmente nas áreas

de saúde e educação para as camadas mais necessitadas da sociedade — mas também como catalisador do progresso científico e tecnológico. Isso através da mobilização de recursos materiais e humanos.

Essa tendência manifesta-se claramente nas sociedades mais desenvolvidas — através do deslocamento da ênfase no acúmulo de capital para a reserva de conhecimento — e concentração de indivíduos altamente qualificados. Tomem-se como exemplos a afluência das sociedades do Extremo Oriente, onde o desenvolvimento econômico foi menos um fenômeno derivado da existência de capital e riquezas naturais, que de uma deliberada aquisição de conhecimento e técnica.

Pensamos que uma reflexão aprofundada destas questões faz-se necessária para que se possa estruturar uma estratégia para o desenvolvimento independente de condicionamentos político-ideológicos. Na verdade, poucos são os países em desenvolvimento

que compreenderam a urgência da construção desta estratégia num mundo onde a ciência e educação são os instrumentos mais apropriados para um desenvolvimento integrado.

É neste contexto que pensamos ser possível se manter um quadro eficiente e incólume à corrupção temporal, de artesãos qualificados, técnicos, engenheiros e cientistas capa-

zes de inocular na sociedade os métodos e idéias que são, e virão a ser, determinantes, no mundo em que vivemos. Essa elite terá a função de agir como propulsora da evolução cultural e científica, salvaguardando assim as diretrizes importantes para se alcançar o desenvolvimento, garantindo também a educação ética e intelectual das gerações que sucessivamente são formadas.

Acreditamos que só então o corpo científico daí derivado terá lucidez e principalmente transparência para guiar a sociedade na solução dos seus problemas. Naturalmente, a construção deste objetivo não pode ser vista como uma tarefa completamente extrínseca ao corpo científico da sociedade. De fato, os seus membros originam-se das classes sociais nela existentes e trazem delas suas idiossincrasias. Ocorre na universidade, assim como no seio de outras instituições, lutas para a conquista dos poderes de decisão, e estas, subordinam muito frequentemente a um plano secundário os objetivos antes discutidos.

Esta inversão de prioridade é claramente nociva, pois coloca sob suspeita a própria existência da universidade como bastião da pesquisa, do ensino, das artes e da cultura e como apoio privilegiado no salto para o desenvolvimento. Parece-nos importante que ocorra uma revisão do sistema de valores que regem o funcionamento da universidade. Essa revisão exige uma avaliação mais objetiva do desenvolvimento científico das universidades e institutos de pesquisa.

Em nossa opinião, a ciência nos países em vias de desenvolvimento, carece não apenas de infra-estrutura e apoio institucional, mas também de critérios objetivos de avaliação. O número de autores, de publicações científicas, e de patentes é escasso, assim como o número de citações na literatura existente e isto conspira para legitimar agentes que, no seio das universidades e centros de pesquisa, defendem falsos critérios de avaliação e promoção hierárquica elevando aventureiros a paladinos da qualidade.

Fatos como esses geram, naturalmente, distorções, de forma que mesmo as atividades essenciais como a elaboração de livros e artigos científicos, ou orientação a estudantes é frequentemente banalizada. Muitas vezes os critérios de avaliação são desprezados por razões políticas, ideológicas ou de interesse pessoal. Tais práticas são claramente estranhas ao verdadeiro espírito científico e universitário. E particularmente perigosas, pois recriam, no seio dos potenciais atores do progresso, o sistema de valores políticos e ideológicos que a universidade deve como tarefa avaliar e examinar criticamente.

É claro que se deve sempre valorizar o esforço compreendido no trabalho científico desenvolvido nos países periféricos, uma vez que ali as dificuldades envolvidas são muito maiores. Porém os critérios anteriormente referidos dão uma gradação ao avanço das comunidades científicas e não podem ser esquecidos quando de uma avaliação objetiva da universidade.

Um outro ponto que nos parece merecedor de discussão ainda que superficial, refere-se à perigosa tendência existente mesmo em países mais desenvolvidos de subordinar a investigação fundamental a um papel secundário face a investigação aplicada e tecnológica. A história da ciência é rica em exemplos de descobertas tecnológicas fundamentais de grande impacto que tiveram a sua origem na investigação pura e desinteressada, da lâmpada elétrica e penicilina, dos computadores ao World Wide Web.

■ Elcio Abdalla e Orfeu Bertolami são físicos brasileiros e pesquisadores no Centro Europeu de Pesquisas Nucleares (Cern).

**MINORIA
IMPEDE
REALIZAÇÃO DE
REFORMAS PARA
UM PROGRESSO
SOCIAL
DURADOURO**